

Ana Ligia Medeiros

AS BIBLIOTECAS NA ANTIGUIDADE

Ana Ligia Medeiros ¹

Resumo

A biblioteca é uma instituição muito antiga, cuja origem remonta há cerca de 4.600 anos. Sua história representa a preocupação do homem em manter seus registros para uso futuro, ocupando um papel primordial na transmissão do conhecimento. Não eram bibliotecas como as que conhecemos hoje, mas desde a sua concepção, as funções de guarda e organização já se encontravam presentes. Porém, a função social desta instituição foi se modificando de acordo com a sociedade em que se inseria. O estudo tradicional das bibliotecas da Antiguidade compreende desde as suas origens até a queda do Império Romano do Ocidente. Nenhuma biblioteca da Antiguidade encontra-se, hoje, em funcionamento, mas alguns de seus acervos chegaram até nós, como as tabuinhas de argila da Biblioteca de Ebla, que estão no Museu Britânico. O estudo das Bibliotecas da Antiguidade assemelha-se à montagem de um quebra-cabeça composto por ruínas, fragmentos de registros e inscrições, além de relatos de seus contemporâneos. Diversas obras recentes vêm jogando um novo olhar sobre o papel que as bibliotecas da Antiguidade ocuparam na guarda da memória da humanidade. De qualquer forma, os relatos atuais baseiam-se em boa parte em indícios, sujeitos a interpretações. Assim, o artigo conta um pouco de sua história, relatando a saga das principais bibliotecas, como as bibliotecas de Ninive, Pergamo, Alexandria e as primeiras bibliotecas públicas de Roma.

Palavras-chave: Bibliotecas da Antiguidade. Biblioteca de Alexandria. Bibliotecas Públicas em Roma. História das bibliotecas

Abstract

The library is a very old institution, whose origin dates back to about 4600 years. Its history represents man's concern about keeping his records for future use, occupying a main role in the transmission of knowledge. They were not libraries as we know them today, but since their conception, the functions of guard and organization were already present, but the social function of this institution was changing according to the society in which it was inserted. The traditional study of the libraries of antiquity ranges from their origins until the fall of the western Roman empire. No ancient library is in operation today, but some of its holdings have reached us, such as the clay tablets of the Elbe library, which are in the British museum. The study of the ancient librarians resembles the assembly of a puzzle composed of ruins, fragments of records and inscriptions, as well as reports by their contemporaries. Several recent works have been taking a fresh look at the role that libraries rely largely on evidence, subject to interpretation. Thus, the article tells a little of its history, relating the saga of the main libraries, such as the libraries of Ninive, Pergami, Alexandria and the first public libraries of Rome.

¹ Doutora em Ciência da Informação pelo Ibiict/UFRJ. Bibliotecária, Diretora do Centro de Memória e Informação, da Fundação Casa de Rui Barbosa/FCRB. Email: analigia@rb.gov.br

Keywords: Libraries in Antiquity; Libraries of Alexandria; Public libraries of Rome; History of libraries.

1 Introdução

Contar a história das bibliotecas da Antiguidade requer, além do trabalho de pesquisa, muita imaginação, já que nenhuma delas nos chegou em funcionamento. E é exatamente esta junção entre pesquisa e imaginação que faz este tipo de estudo tão apaixonante, pois, assim como os fragmentos são parte do que um dia foi um documento, exigindo um trabalho meticuloso e paciente para a recomposição do todo, as informações sobre as bibliotecas da Antiguidade são recolhidas em várias fontes juntando dados fornecidos pela arqueologia, história, biblioteconomia entre outras ciências. Com o uso da tecnologia, e mais especificamente, da digitalização, pode-se recompor acervos, caso da decifração dos papiros destruídos pela erupção do Vesúvio, em 79, ou então, fazer visitas virtuais a bibliotecas, como a de Celso, em Éfeso.

Nem mesmo a icônica Biblioteca de Alexandria sobreviveu, mas resiste como um dos símbolos da transmissão de conhecimento e do desenvolvimento humano. De algumas das bibliotecas antigas nos chegaram fragmentos de documentos, de outras ruínas em palácios, templos e prédios próprios, chegaram ainda inscrições sobre o funcionamento ou então relatos de contemporâneos. Há, também, uma série de obras recentes sobre o tema, onde encontramos versões sobre o papel das bibliotecas na Antiguidade (CAMPBE, 2015; CANFORA, 2000; CASSON, 2018; MANGUEL, 1997).

As bibliotecas surgem de uma necessidade do homem em manter seus registros. Durante milênios, os homens se agruparam em pequenos núcleos, que paulatinamente se organizaram em sociedades mais complexas. As marcas de suas mãos, os desenhos de animais nas cavernas, as esparsas inscrições em pedras e ossos evoluíram para novas formas de comunicação e para uma contínua busca do conhecimento. Quando a sociedade se tornou ainda mais complexa e as informações não cabiam mais na memória humana, nasce a escrita, há cerca de 5.300 anos. Ela surge em um momento especial da humanidade, um momento de fartura no Egito e nas terras férteis da Mesopotâmia, entre os rios Tigre e Eufrates. Este

Ana Ligia Medeiros

período viu também nascerem outras civilizações, como a civilização chinesa e do Vale do Indo, onde hoje são o Paquistão e a Índia.

Os primeiros registros tiveram caráter exclusivamente econômico, de controle dos rebanhos e de compra e venda de alimentos. Com o surgimento dos impérios impõem-se a necessidade de controlar as atividades administrativas visando manter o poder ou possibilitar novas conquistas.

Assim, as primeiras bibliotecas surgem para controlar informações sobre negócios, guardar as fórmulas mágicas, os cantos, e também o conhecimento sobre astrologia e agricultura. Encontraram-se registros também do que se pode considerar como primeiros os “dicionários”. Esta é a composição das primeiras bibliotecas, que em suas origens confundem-se com arquivos, pois a distinção entre eles viria muitos séculos mais tarde.

Este trabalho visa contar um pouco desta saga que se inicia na Mesopotâmia há cerca de 4.600 anos e se estende até a queda do Império Romano, de acordo com os principais estudiosos da área.

2 As bibliotecas de argila

É na Mesopotâmia que, segundo Baez (2006), foram encontrados os primeiros indícios da existência de uma biblioteca. São bibliotecas de argila, material abundante na região, e que possibilitava formar pequenos blocos ou tabuletas, que eram inscritos em escrita cuneiforme. A Mesopotâmia abrigou vários povos, como os sumérios a quem se atribui o desenvolvimento da escrita, os assírios e os caldeus, entre outros.

Foi exatamente em Uruk, na Suméria, a primeira cidade onde foram encontrados indícios de uma biblioteca. São fragmentos que contêm “registros econômicos, relações lexicográficas e catálogos de flora, fauna e minerais” e datam provavelmente do período entre 4.110 a.C. e 3.300 a. C. Nas cidades de Ur e Adab também foram encontrados mais indícios de prováveis bibliotecas, que existiram por volta de 2.800 a.C. a 2.700 a.C. O mesmo aconteceu nas cidades de Fara, Abud e Kis, onde descobriram-se tabuletas que continham a identificação de autoria do texto, além do nome do escriba supervisor (BAEZ, 2006)

Em Nippur foram descobertas, cerca de 30 mil tabuletas, inteiras e em fragmentos, o que se deduz terem pertencido a uma biblioteca. Encontraram-se tabuletas com dados gerais

Ana Ligia Medeiros

sobre as obras como informações sobre autor, número de linha se diversas informações complementares do documento. Pela primeira vez, há o emprego de colofões, que marcaram a organização de bibliotecas durante muito tempo.

Porém, a grande descoberta arqueológica é a cidade de Ebla, a noroeste da atual Síria, perto de Alepo, onde foi encontrada uma possível biblioteca no Palácio Real, construída por volta de 3.000 a.C. Ocupava duas salas, sendo uma de 3,5 por 4m com estantes de madeira já deterioradas pelo tempo, e outra com bancos. Lá foram encontradas 16.000 tabuletas, sendo 2.000 completas, 4.000 fragmentos maiores e 10.000 menores, sendo os maiores em formato quadrado e os menores redondos, em sua maioria. O acervo era composto prioritariamente por registros de controle econômico, mas também foram descobertas tabuletas com listas bilíngues, consideradas “os mais antigos dicionários de que se tem notícia”. Havia também textos religiosos, jurídicos, históricos e literários, estes últimos em forma de versos.

Esta biblioteca nos chegou graças a um incêndio que destruiu o Palácio Real. As chamas que o destruíram ironicamente salvaram parte da biblioteca, pois cozinham a argila de que eram feitas as tabuletas. Nesta biblioteca, foram encontrados os colofões na lateral dos textos como forma de localização. Hoje, este o acervo da biblioteca de Ebla encontra-se sob a guarda do Museu Britânico.

3 Biblioteca de Ninive

Para muitos estudiosos esta é a primeira biblioteca que existiu como tal. Sua criação se deve ao rei assírio Assurbanípal, no século VII a.C. O rei era um visionário que pretendia amearhar todo o conhecimento até então produzido em um único lugar e para isso recolhe obras em todo o mundo antigo. Ele introduz a concepção das bibliotecas enciclopédicas, trezentos anos antes de Alexandria. A biblioteca era composta de 22.000 tabuletas de argila, embora se acredite que também houvesse papiros, quadros de madeira e de cera. Era também organizada utilizando-se colofões.

A segurança do acervo já era uma preocupação, caso algum incauto tentasse surrupiar alguma obra “de Assurbanípal, rei do mundo, rei da Assíria” seria avisado que corria risco. Alguns colofões traziam, curiosamente, ameaças a quem ousasse roubar as tabuletas, o que mostra que, como hoje, na Antiguidade este tipo de infração já era comum e exigia medidas preventivas. Naquele

Ana Ligia Medeiros

tempo, os deuses cuidariam do ladrão: “Quem quer que remova (a tabuleta), escreva seu nome em lugar do meu nome, possa Ashur e Ninlil, irritado e desgostoso, desmoralizá-lo, apagar seu nome, sua semente, na terra. (CASSON, 2018, p.23)

O acervo era composto por textos administrativos, religiosos e ritualísticos, além de obras de referência. Porém, seu grande legado foi preservar a Epopéia de Gilgamesh, considerada a primeira obra literária escrita. Composta por doze tabuletas, em escrita cuneiforme, dividindo-se em capítulos, com cerca de 300 versos cada. Para alguns estudiosos, seriam 11 capítulos, sendo a décima segunda tabuleta apenas um resumo da obra.

4 As bibliotecas egípcias

Pouco se sabe das primeiras bibliotecas egípcias, embora se conheça a importância da escrita para este povo que existe desde aproximadamente 3.100 a.C. Ao contrário da Mesopotâmia onde o barro era abundante e escolhido como material de escrita, no Egito a solução foi outra. O Egito era cortado pelo rio Nilo, onde florescia às suas margens a planta *Cyperus papyrus*, base para a fabricação de outro tipo de suporte de escrita, o papiro, utilizado a partir de cerca de 2.500 a.C. O papiro, por ser fácil manuseio, foi o suporte preferido para a escrita na Antiguidade. Seu comércio tornou-se rapidamente uma das principais fontes de recursos do Egito, que os vendia para diversos lugares.

A escrita, de acordo com a mitologia egípcia, foi inventada por Tot, o deus do conhecimento e da sabedoria. Os egípcios produziam muitos textos, em especial, religiosos e mágicos. O mais famoso é o Livro do Mortos, que não é em formato de um livro como conhecemos, mas um papiro que alcançava metros de comprimento. Era colocado sobre o corpo do morto e trazia as recomendações para quando este chegasse ao outro lado da vida. Muitos túmulos foram saqueados e seus registros perdidos. Assim, pela importância que os egípcios davam à escrita pode-se deduzir a existência de bibliotecas.

A primeira biblioteca egípcia que se tem conhecimento, segundo Barbier (2018, p. 36), data do III milênio antes de Cristo, e se situava no palácio de Gizé. Existem relatos inclusive de Diodoro que cita uma biblioteca com a inscrição “Lugar da cura das almas”. Embora, esta inscrição leve os apaixonados pela leitura a deduzir sobre sua importância na sociedade, Baez (2006, p.26) alerta tratar-se apenas de referência as obras sobre medicina. Em Tebas, no

Ana Ligia Medeiros

templo funerário Ramesseum, construído no século XII a.C., pelo faraó Ramsés II, acredita-se que existiu uma biblioteca que contava com o acervo de 20.000 obras.

Existiram também, segundo relatos, as Casas da Vida, que funcionavam como biblioteca e local de estudo. Acredita-se que toda cidade possuía uma Casa da Vida, que possivelmente funcionava dentro dos templos. Hermópolis, Abidos, Amarna e Luxor são cidades citadas em relatos como possuidoras destas bibliotecas. É o mesmo caso do templo de Horus, em Edfu, embora, em período mais recente.

É também no Egito, sob o domínio dos Ptolomeus, uma dinastia de origem grega, que se construiu a Biblioteca de Alexandria, como será visto adiante.

5 As bibliotecas da Grécia

A cultura grega legou uma herança fundamental nas artes e cultura para o Ocidente. Desde seu nascimento, sua história é marcada por momentos de apogeu e declínio. No século XVII a.C., a civilização Micênica já utilizava a escrita em tabuletas de argila e acredita-se que possuía bibliotecas. Pouco se sabe o que aconteceu na Grécia a partir do século XI a.C., até que no século IX a.C. essa civilização ganhou um novo impulso, com o estabelecimento de um sistema alfabético simplificado, que utilizava poucos sinais. Esta nova escrita possibilitou o acesso a muito mais pessoas, cujos efeitos marcantes sobressaíram a partir do século VI a.C. A partir daí a cultura grega floresce, surge o comércio de livros, a criação de escolas e de bibliotecas.

Segundo Aulio Gellius, a instalação da primeira biblioteca públicas e deu em Atenas, obra do tirano Psistrato. Esta versão é contestada, pois a maioria dos especialistas considera que a primeira biblioteca pública nasceu em Roma. Mas, é inegável que Atenas por ser uma das cidades mais voltadas para a cultura do mundo antigo, poderia sim ter criado biblioteca públicas.

Nesta cidade, Platão criou a Academia que Aristóteles deu continuidade com o Liceu. A biblioteca particular de Aristóteles foi um dos símbolos mais cobiçados e ao mesmo tempo mais misteriosos da Antiguidade. Há várias versões sobre o destino das obras depois de sua morte, segundo relatos muitas delas foram compor as bibliotecas de Pérgamo e de Alexandria. Na Idade Média, as bibliotecas ainda se gabavam por ter exemplares da biblioteca de

Ana Ligia Medeiros

Aristóteles. Na Grécia, existiram ainda muitas outras bibliotecas particulares como a de Eurípides considerada a “mais bela de seu tempo”. (BARBIER, 2018, p. 38).

Com o período Helenista, marcado pela mistura da cultura ocidental com a oriental, o helenismo tem início com Alexandre, em 338 a.C. Alexandre embora um exímio guerreiro e estrategista também fosse um homem culto, que teve Aristóteles como instrutor. Sua sensibilidade em mesclar as culturas dos povos conquistados com a grega possibilitou a criação do período helenístico. Nele há um grande desenvolvimento das artes e cultura. É dele a ideia de construir uma cidade especial, Alexandria. A partir daí as bibliotecas floresceram. Assinalem-se as duas mais famosas da Antiguidade: Alexandria e Pérgamo. Mais tarde, sob o domínio de Roma pode-se citar ainda a biblioteca de Adriano, em Atenas.

6 Biblioteca de Alexandria

A icônica Biblioteca de Alexandria, criada no século III a.C. é considerada a mais importante biblioteca da Antiguidade. Foi fundada por Ptolomeu II, mas idealizada por Alexandre, o Grande, que morreu precocemente antes de vê-la construída. Com sua morte, o império que incluía a Mesopotâmia, a Pérsia e o Egito, foi dividido em três partes. A Ptolomeu, general macedônio, coube o Egito, fundando aí a dinastia de faraós ptolomaicos. Esta dinastia se encerrou no ano 30 a.C. com a morte de Cleópatra, e a capitulação ao domínio de Roma.

Alexandria era uma cidade planejada, com avenidas ornadas de palácios e fontes, costeando o mar. Era de grande beleza e imponência. Para lá acorreram intelectuais e artistas da época, pois a cidade oferecia a estrutura para que desenvolvessem suas pesquisas utilizando a biblioteca. Era também, um centro econômico poderoso, com um porto que por sua localização privilegiada entre o Mar Mediterrâneo e o Mar Vermelho, atendia as embarcações oriundas da Europa, da Ásia e da África. Foi a capital do Egito por mil anos.

Ptolomeu, também um homem que prezava a cultura, que junto ao intelectual Demétrio de Falereu planejaram Alexandria como um grande centro irradiador de cultura. E, assim foi para Alexandria acorreram os grandes sábios da época que recebiam alimentação e moradia. Para que pudessem ter um ambiente que possibilitasse o desenvolvimento de seus estudos construíram o Museu e a Biblioteca, cercados de jardins e um zoológico. Neste clima

Ana Ligia Medeiros

propício, grandes nomes da cultura e da ciência puderam desenvolver seus trabalhos como: Euclides, Arquimedes, Galeno, Hipácia.

Na verdade, ao se referir à Biblioteca de Alexandria não se trata apenas de uma biblioteca, mas duas. A primeira situada no bairro de Bruquion, denominada “mãe” e a outra conhecida como “filha”, em Serapeu, criada anos depois. O primeiro diretor foi Zenódoto de Éfeso, seguido por Apolônio de Rodes, Eratóstenes, Aristofanes de Bizâncio, Aristarco de Samotrácia, mas o grande nome foi do poeta Calímaco de Cirene (c. 305a c. a 240 a.C.).

Calímaco criou um método inovador, os Pinakes, considerado o primeiro catálogo sistematizado de biblioteca. Era formado por 120 rolos, organizado por assunto e dentro dele por autor. Os temas selecionados eram: drama, oratória, poesia lírica, legislação, medicina, história, filosofia e diversos. Até hoje, temos a Biblioteca de Alexandria como modelo, ainda que adaptado aos novos tempos. (FISCHER, 2006, p. 55).

Seu acervo está calculado entre quinhentos mil a setecentos mil rolos. Boa parte desse acervo foi obtida de maneira peculiar. Havia uma ordem que todo comandante de navio que atracasse no porto de Alexandria deveria ceder em empréstimo às obras para cópia dos escribas da biblioteca e que seria devolvida logo que acabasse a transcrição. Porém, segundo consta, devolvia-se espertamente a cópia e não original.

Para muitos, a destruição da Biblioteca de Alexandria provocou um grande atraso no desenvolvimento da ciência e da cultura. Como exemplo, a invenção do motor movido a vapor, idealizado por Heron de Alexandria, no século I. Esta ideia só foi retomada no final do século XVII.

A destruição da Biblioteca de Alexandria ainda é motivo de muitas discussões. Sua primeira grande perda se deve ao incêndio involuntário provocado por Júlio César, em 48 a.C., que ao defender-se dos ataques de Ptolomeu XIII, mandou queimar suas próprias embarcações ancoradas no porto. As labaredas teriam alcançado a biblioteca ou seus depósitos, segundo o relato de Plutarco.

Eles (os aliados de Ptolomeu XII) então interceptaram a esquadra, e (Júlio Cesar) foi forçado a superar o perigo por meio de um incêndio nos seus próprios navios. O fogo se espalhou alcançando a famosa biblioteca, a consumindo. (PLUTARCO, p. 323, tradução nossa)

Após a vitória, Júlio César permanece no Egito por um tempo desfrutando o luxo da grande capital cultural do mundo, na época, e também do amor de Cleópatra. Ao retornar a

Ana Ligia Medeiros

Roma, propõe a criação de uma biblioteca pública, que não conhecerá, pois morreu assassinado, em 44 a.C. Após sua morte, Cleópatra encanta o general romano Marco Antônio, fiel amigo de Júlio César. Conta a lenda, que para agradá-la Marco Antônio ofereceu o acervo da Biblioteca de Pérgamo. O ambicioso casal defronta-se com o poder de Roma, tendo como desfecho as mortes de Marco Antônio e Cleópatra e a submissão total do Egito ao imperador Otaviano Augusto. Com isso, Alexandria perdeu poder, e essa queda se refletiu na biblioteca.

A partir daí a biblioteca atravessa bons e maus períodos. No século III as rebeliões religiosas agravam a já delicada situação de Alexandria. Em 298 a maior biblioteca, situada no Bruquion foi atingida por um incêndio e em 391 foi a vez da biblioteca de Serapio. Mesmo assim, acredita-se que elas tenham resistido, embora já em decadência, por mais três séculos, quando Alexandria é invadida pelos árabes. Conta a lenda que sua destruição final se deve ao emir Amr Ibn Al-As, em 692. Ao se deparar com a Biblioteca de Alexandria, o emir consulta o califa Omar Ibn Al-Khattab sobre o destino a dar às obras, recebendo como resposta: “Se o que está escrito neles concorda com o Livro de Deus, eles não são necessários; se discorda, não são desejáveis. Portanto, destrua-os”. (FLOWERS, 2002, 191). E assim, as obras serviram como combustível para aquecer as águas nas caldeiras da cidade.

Essa versão é fantasiosa, já que muitas obras da biblioteca de Alexandria foram parar na Biblioteca de Constantinopla e em algumas bibliotecas árabes. O mais provável é que os séculos sob o domínio de Roma tenham enfraquecido sua administração, que contando com poucos recursos para a manutenção da biblioteca foi aos poucos sendo sufocada. Da Biblioteca de Alexandria nada restou, nem mesmo sua localização exata.

Em 2000 é inaugurada a nova Biblioteca de Alexandria. O governo egípcio investiu 65 milhões de dólares, com o apoio da Unesco. O edifício da nova Alexandria é arrojado abrigando um amplo salão de leitura, cinco setores com acervos especializados - infantil, juvenil, deficientes visuais, além de seções de mapas e arte e multimídia. Conta ainda com quatro museus, auditório, salas de reunião, planetário e outras atrações e oferecem, exposições permanentes e temporárias, atividades culturais e educacionais, além de restaurante e cafeteria. Hoje, é a mais importante biblioteca do mundo árabe.

7 Biblioteca de Pérgamo

Ana Ligia Medeiros

É considerada a segunda maior biblioteca da Antiguidade, rivalizando com a de Alexandria. Era uma biblioteca grega situada na Ásia Menor. Foi fundada por Eumenes II (197-160 a.C.), um rei erudito e bibliófilo. A cidade de Pérgamo destacava-se pelas atividades culturais, sendo moradia de escritores e intelectuais.

A cidade emprestou seu nome ao suporte de escrita, o pergaminho, utilizado até o final da Idade Média, quando se difundiu o uso do papel no Ocidente. O pergaminho era fabricado com pele de animal, que podia ser cabra, cordeiro ou ovelha, obtido após passar por um longo processo de limpeza e tratamento. A versão que a fabricação de pergaminho foi uma reação às sanções impostas pelo Egito que proibiu a venda de papiros para a cidade, parece ser possivelmente mais uma dessas histórias saborosas, mas sem comprovação.

Calcula-se que seu acervo possuía mais de 200 mil volumes, dentre eles os manuscritos de Aristóteles. Ocupava quatro salas, sendo uma delas de 16m de comprimento por 14m de largura, decorada com diversos bustos destacando-se a estátua de Atenas, onde se acredita ser o espaço para leitura e para conferências e reuniões. As outras três salas eram de pequena dimensão, possivelmente ocupadas por depósitos das obras.

Outra história não comprovada conta que seu acervo foi oferecido como presente de casamento, por um apaixonado Marco Antônio para Cleópatra. Seria como uma pequena recompensa pelo incêndio de parte da Biblioteca de Alexandria provocado por César.

8 As bibliotecas romanas

No estudo sobre as bibliotecas da Antiguidade, Roma merece um cuidado especial, pois houve significativos avanços na área, tanto na formação de bibliotecas privadas quanto das públicas. Roma começa a se tornar uma cidade relevante quando da formação da República em 509 a. C., fortalecendo-se com o estabelecimento do império, no ano de 27 a. C. Nos séculos de glória organizou instituições que perduram até hoje. É impossível pensar na civilização ocidental excluindo-se a influência de Roma na cultura, no direito, na arquitetura e nas línguas latinas.

Roma teve um papel fundamental para a história das bibliotecas. Segundo Matthew Battles (2003, p.51), as bibliotecas romanas se aproximam, e não as gregas, do que

Ana Ligia Medeiros

conhecemos, hoje, como bibliotecas públicas. Foram nas palavras do autor, “a coisa mais próxima de uma instituição cultural oficial” (BATTLES, 2003, p.54). Os imperadores romanos não se limitavam a fazer bibliotecas grandiosas em palácios e templos, mas “também as ofereciam ao povo de Roma” (BATTLES, 2003, p.52).

8.1 As bibliotecas particulares em Roma

Antes do surgimento das bibliotecas públicas, os romanos já possuíam boas bibliotecas particulares. O interesse dos romanos pelas letras, e conseqüentemente pelas bibliotecas, surgiu no final do século III a. C. A partir da segunda metade do século II a.C. verificou-se um crescente interesse na formação de bibliotecas privadas, cujas obras eram obtidas como butins de guerras. Com o tempo, as bibliotecas particulares foram também alimentadas por obras adquiridas em livrarias ou por encomenda de cópias a escribas especializados. Para a obtenção dos originais utilizavam-se obras pertencentes a amigos generosos ou a boas bibliotecas, como a de Alexandria.

As bibliotecas particulares eram símbolos de poder, e cuidar da sua organização era um ato muito bem visto pelos pares. Tirânio, autor de *Sobre bibliotecas*, e com grande fama de bom organizador, era cobiçado pelo ricos proprietários. Os patrícios ricos e os imperadores de Roma financiaram a construção e a manutenção das bibliotecas públicas.

8.2 As bibliotecas públicas em Roma

A primeira biblioteca pública foi idealizada por Júlio César que não chegou a ver sua instalação, devido a seu assassinato, em 44 a. C. Nos seus planos, segundo Martins (1996, p. 78), uma biblioteca aberta ao público possibilitaria legar à posteridade registros sobre seus feitos como um grande general. Asínio Polo realiza este sonho, construindo a primeira biblioteca pública, perto do Fórum. O projeto arquitetônico inovador, composto por duas grandes seções, uma dedicada à cultura romana e outra à grega, seria utilizado na maioria das bibliotecas romanas.

Segue-se a construção da biblioteca Palatina, obra do imperador Augusto. Assim, como na primeira, existiam salas idênticas para a cultura grega e romana, fato comprovado

Ana Ligia Medeiros

por desenhos e plantas que nos chegaram. Havia nichos que abrigavam estantes de madeira fechadas com portas, as “armarias” onde se armazenavam as obras. Estas eram identificadas por etiquetas que pendiam dos rolos depositados horizontalmente nas “armarias” o que facilitava sua localização. O espaço para a leitura passa a ser no mesmo recinto dos livros, o que anteriormente era em local separado. Anos mais tarde constrói-se a terceira biblioteca pública, situada no Campo de Marte.

Destaca-se ainda a Biblioteca Úlpia, construída pelo imperador Trajano, entre os anos de 112 d.C. e 113 d.C. Suas ruínas encontram-se, hoje, sob a Via dei Fiori Imperiali, possibilitando verificar toda a sua grandiosidade. Era parte do conjunto arquitetônico que incluía a Basílica, a praça, o mercado e a famosa coluna, de 38m de altura. Obedecia a mesma disposição das anteriores, com as salas ricamente adornadas. A preocupação com a preservação das obras já estava presente, podendo-se observar que as estantes estavam distanciadas das paredes dos nichos, evitando-se a tão perniciosa umidade que destrói acervos. Calcula-se que cada câmara abrigava 10.000 rolos, aproximadamente. Com a decadência da Biblioteca de Alexandria, a Biblioteca Ulpiana, ocupou importante papel, sendo considerada uma das maiores bibliotecas da Antiguidade. Segundo Casson (2018, p. 104) os leitores eram, na maioria, eruditos e profissionais de diversas atividades.

Além das grandes bibliotecas públicas localizadas em prédios próprios, havia também as situadas nas termas, que eram grandes espaços de lazer para os romanos. No princípio era um espaço reservado para a elite, porém a partir de Augusto seu uso foi estendido para a população. Eram grandes complexos arquitetônicos que além dos banhos (quente, frio, massagens etc.) incluíam jardins, quadras esportivas, salas para reuniões, recitais e palestras, além de bibliotecas. Nas ruínas da Terma de Caracala pode-se verificar a existência de uma biblioteca.

Roma chegou a ter um sistema com 29 bibliotecas, conforme arrolado em um catálogo sobre prédios romanos relevantes, datado de 350 d.C. Esse sistema era dirigido por um Diretor de Bibliotecas, e contava com um corpo de funcionários dedicados à administração do prédio, além de restauradores e escribas. Esses ocupavam um papel de destaque nas bibliotecas, pois cabia a eles copiar as obras, já que ainda não fora descoberta a imprensa. O acervo também podia ser formado por doações e poucas compras, realizadas em boas

Ana Ligia Medeiros

livrarias, algumas especializadas, que existiam em Roma. Qualquer obra podia ser copiada, pois o conceito de direitos de autor só surgiria no século XVIII.

Segundo Casson (2018, p.123), provavelmente, o funcionamento obedecia ao horário padrão de negócios da Grécia e de Roma, começando com o clarear e encerrando ao meio dia. Há indícios de que algumas bibliotecas se emprestavam livros.

Foram encontradas bibliotecas em todo o império romano, mesmo em pequenas cidades de províncias. Seguiam o mesmo padrão arquitetônico das bibliotecas situadas em Roma, sendo divididas em dois setores: obras romanas e obras gregas. Os serviços também funcionavam como em Roma, inclusive com empréstimo de publicações.

Uma das mais importantes, a Biblioteca de Celso, situava-se em Éfeso, que era um grande centro comercial e administrativo do império. A cidade era adornada por construções monumentais, da qual se destacava a biblioteca, que seguia os padrões recomendados pelo arquiteto romano Vitrúvio, autor de obra que incluía os padrões para construção de bibliotecas, porém, só existia um salão. Calcula-se que a área de armazenamento comportava cerca de 12.000 rolos. A biblioteca foi um presente do cônsul e senador romano Tibério Júlio Celso Polemeano e de seu filho, que além da construção do prédio, doaram a quantia “25 denarii” para sua manutenção.

Outra biblioteca importantíssima é a de Adriano, construída em Atenas, entre 132 d.C. e 134 d.C, quando a cidade estava sob domínio de Roma. Situava-se em um conjunto arquitetônico típico de Roma, com templos, banheiros públicos, fontes, estabelecimentos comerciais e também, ao norte, a biblioteca. Esta biblioteca ocupava um prédio retangular, medindo 132mx82m, e incluía salas de aula, jardins e uma piscina. Era decorada com muitas colunas o que levou Pausanias a denominá-la como a biblioteca das 100 colunas.

A biblioteca de Adriano passou por vários momentos de glória e destruição. Sua primeira destruição deve-se aos invasores hérulos, em 267 e recuperada entre 407 a 412. Durante os séculos ficou escondida sob outras construções até que no final do século XIX foram descobertas as paredes e as colunatas. As ruínas da biblioteca de Adriano são, hoje, um atrativo turístico da cidade de Atenas.

Porém, a descoberta arqueológica mais marcante se deu com as cidades de Pompéia e Herculano. Estas cidades tiveram suas vidas suspensas em 79 com a erupção do vulcão Vesúvio. Representam um recorte no tempo, permitindo observar os costumes de uma época.

Ana Ligia Medeiros

Não por relatos, mas pelo cotidiano paralisado das duas cidades e que foi revelado sob as cinzas do vulcão. Em Pompéia pode-se observar, segundo Casson, a importância da leitura na sociedade romana, representada por pinturas de homens e mulheres segurando rolos de papiros e pelas inscrições de alfabetos nas paredes de diversas construções.

Mas é em Herculano que foi encontrado um dos maiores tesouros arqueológicos, a biblioteca particular de Lúcio Calpúrnio Pisone, que se acredita ter sido sogro de Júlio César. A propriedade onde se localiza é conhecida como a Vila dos Papiros, descoberta em 1753. Abaixo de 25 metros de material de erupção vulcânica foram encontrados, em uma pequena sala, cerca de 1.800 rolos de papiros calcinados. Deduz-se pela disposição de alguns papiros, parte acomodados em caixas de madeira, uma tentativa de transportar e salvar a biblioteca antes da tragédia final.

A leitura desses papiros tem sido objeto de pesquisa de muitos estudiosos. Várias empreitadas ao longo dos últimos séculos aplicaram métodos, alguns bastante exóticos, na leitura destes rolos, que se assemelham a pedaços de carvão. Hoje, com o avanço da tecnologia é possível prever melhor sorte nas tentativas com o emprego da digitalização. De qualquer forma, já se descobriu que havia um grande número de obras Filodemo, considerado um filósofo epicurista. Os rolos de papiros de Herculano encontram-se sob a guarda da Oficina do Papiro, setor da Biblioteca Nacional de Nápoles, meticulosamente catalogados.

O império romano, que durante séculos expandiu-se, dominando a Europa, o Norte da África e o Oriente Médio, a partir do século III enfrenta sucessivas crises. Em 395, divide-se em Ocidental, com capital em Ravena e depois Milão, e Oriental, com sede em Constantinopla. No Ocidente as constantes invasões bárbaras selaram o fim do império, já desgastado por inúmeras crises, sendo considerado como golpe a rendição do último imperador romano do Ocidente Romulo Augusto, subjulgado pelo bárbaro Odoacro, em 476. Porém as bibliotecas de Roma já estavam em decadência desde o final do século III. Roma já não era, porém sua queda representou o final de um ciclo, por sua importância na história do Ocidente. Começa, assim, uma nova fase histórica denominada, por muitos estudiosos, como a Idade Média.

O império romano do Oriente perdurou por mais novecentos anos, até sua queda para os otomanos, em 1493. A capital Constantinopla, rica e poderosa, abrigou uma das maiores bibliotecas existentes na Idade Média. Deve-se a atuação desta biblioteca à sobrevivência de muitas obras clássicas em latim e grego. Havia muitas outras particulares ou em mosteiros.

Ana Ligia Medeiros

Segundo Casson (2018), outro motivo que corroe a concepção de biblioteca foi o avanço do cristianismo, mudando o cenário do poder romano do Ocidente radicalmente. Surgiram outros tipos de documentos voltados para a doutrina de Cristo, que precisavam ser armazenados e utilizados pelos monges em suas incursões solitárias pelo deserto. Não eram mais as luxuosas bibliotecas romanas, mas espaços pequenos onde se guardavam textos que serviriam a disseminação da fé cristã.

Além das pequenas bibliotecas do deserto havia as dos grandes monastérios que cresceram durante a Idade Média, em especial após o império carolíngio, iniciado em 800. É inegável que estas bibliotecas ocuparam papel relevante na sobrevivência da literatura clássica. Foram também muito importantes com o estabelecimento de scriptorium dedicados à produção de cópias de obras pelos monges. Cabe ressaltar, ainda, outro fator relevante na difusão da fé cristã que foi a invenção dos códex ou códices, que substituíram os rolos de papiros ou de pergaminhos. Seu uso facilitou a utilização das obras que podiam ser manipuladas com mais agilidade, além de possibilitar ao religioso marcar a uma determinada passagem de seu interesse e voltar a ela quando precisasse em suas preleções.

9 Considerações finais

Não se podem analisar as bibliotecas da Antiguidade com o olhar atual. As bibliotecas, assim como todas as instituições, são reflexo de um tempo, influenciadas diretamente pela economia, pela política e pela organização social. Não há como comparar seu funcionamento sem levar em conta os parâmetros de sua época. Sendo assim, para analisar as bibliotecas da Antiguidade precisa-se ter em mente estar tratando de suas origens.

Porém, nem por isso, deve-se considerá-las de menor importância. Foram elas que nos legaram os registros organizados que possibilitam entender um pouco da sociedade em que atuavam. Alguns conceitos básicos da biblioteconomia já estão presentes como a organização, a preservação e a utilização das informações registradas para uso futuro, de pessoas que não se sabe quem são e nem em que época vivem ou viverão.

Outro fator que complica este tipo de pesquisa é o longo período de estudo. Os primeiros registros organizados datam de 2.400 anos a. C. até a queda do Império romano do

Ana Ligia Medeiros

ocidente, isto é uma história de quase três mil anos. Período que não foi, nem poderia ser estático. Impérios surgiram e desapareceram, grandes bibliotecas também.

Assim, também, o artigo, não tratou da grande biblioteca de Constantinopla nem das bibliotecas do oriente, devido à falta de espaço. Mas, registre-se que existiam boas bibliotecas, neste período, tanto na Índia como na China.

Além disso, nenhuma das bibliotecas da Antiguidade nos chegou em funcionamento. O estudo baseia-se em indícios, fragmentos, relatos de contemporâneos, ruínas e muita imaginação. Nada impede que com os avanços da tecnologia novas bibliotecas surjam escondidas sob as areias dos desertos, sob pilhas de escombros ou embaixo de terra ou de água.

É isso que torna fascinante o estudo das bibliotecas da Antiguidade. É saber que o homem há quase 5.000 anos cuida do que produz intelectualmente. E que só ambientes propícios à pesquisa, onde se incentiva a criação e a inovação, tendo como base uma biblioteca pode ser o grande ponto de transformação do mundo.

REFERÊNCIAS

BÁEZ, Fernando. **História universal da destruição dos livros:** das tábuas sumérias à guerra do Iraque. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. 438 p.

BARBIER, Frédéric. **De Alexandria às bibliotecas virtuais.** São Paulo, 2018. 400 p.

BATTLES, Matthew. **A conturbada história das bibliotecas.** São Paulo: Planeta do Brasil, 2003. 239 p.

CANFORA, Luciano. As bibliotecas antigas e a história dos textos. In: **O poder das bibliotecas:** a memória dos livros no Ocidente. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000. 352 p.

CAMPBELL, James W. P. **A biblioteca:** uma história mundial. São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2015. 338 p. il.

Ana Ligia Medeiros

CASSON, Lionel. **Bibliotecas no mundo antigo**. São Paulo: Vestígio, 2018. 203 p.

FISCHER, Steven Roger. **História da leitura**. São Paulo; Editora UNESP, 2006. 384p.

FLOWER, Derek Adie. **Biblioteca de Alexandria**: a história da maior biblioteca da antiguidade. São Paulo: Nova Alexandria, 2002. 215 p.

http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Gellius/7*.html#17 MAIURI, Amedeo. **Herculaneum and the Villa of the Papyri**. Novara; Istituto Geografico de Agostini, 1974. 39 p.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. 405 p.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**. 2. ed. São Paulo: ABDR, Ática, 1996. 519 p.

MATTHIAE, Paolo; PINNOCK, Frances; MATTHIAE, Scandone. **Ebla**: alle origini della civiltà urbana. Milão: Electa, 1995.

MEY, Eliane Serrão Alves. Bibliotheca alexandrina. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 1, n. 2, p.71-91, jan./jun. 2004.

PETTINATO, Giovanni. **Archives of Ebla**: an empire inscribed in clay. Nova York: Doubleday, 1981.

PLUTARCO. **Vidas paralelas**. eBooket.net. T. 5, 49.6. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bk000480.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2019.